

## Neri defende abono ao invés de alta do Mínimo

(Mônica Lucas)

### CONTRA A CRISE

Segundo o economista da FGV, a crise mundial é passageira e não deve ser usada como desculpa para ganhos sociais

A ressaca da crise financeira internacional atingiu o Brasil somente em janeiro, quando 760 mil pessoas das classes A/B e C voltaram às classes D e E, após a grande expansão desde 2004. Os dados foram levantados em pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Depois desse impacto, o País não viu a economia afundar, mas também não se recuperou. Para o economista Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais, ligado à FGV, 'faltou sintonia' entre as medidas do governo federal e Banco Central (BC).

Ele acredita que o momento é de estimular o mercado interno, sobretudo nas classes D e E. Para isso, sugere mais agilidade no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e no 'Minha Casa, Minha Vida'. Defende ainda que o aumento do salário mínimo seja substituído por um abono. Neri admite que a questão é polêmica: 'Politicamente e constitucionalmente seria complicado, mas não deixaria de ser um ganho para o trabalhador. O que está acontecendo é que a crise está sendo usada para ganhos sociais, mas é passageira. E o custo do aumento do mínimo vai pesar depois (nas contas do governo)'.

Neri esteve ontem em Fortaleza, onde participou do IV Encontro de Políticas Públicas e Crescimento Econômico, promovido pelas pós-graduações em Economia da Universidade Federal do Ceará (Caen/UFC) e da Fundação Getúlio Vargas (EPGE/FGV). Para defender sua opinião, recorreu a uma metáfora utilizada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de que o Brasil ia bem em meio à crise, antes mesmo 'de colocar Pelé em campo' — ou seja, reduzir a taxa básica de juros Selic e os spreads bancários.

O problema, diz ele, é que o Pelé deveria ter entrado no jogo antes. 'Quando todos os países estavam baixando seus juros, o Brasil subiu e só depois baixou. O BC deveria ter feito tudo para não desacelerar a economia, mas está mais escaldado com inflação do que com recessão. Acabou demorando demais (para baixar os juros)', argumentou. O risco, agora, é que o País novamente deixe passar 'o tempo da crise'.

Neri explica que nessa crise, diferente de outras, as pessoas de renda mais alta estão pagando a conta. Por isso sua queda na participação do total da população. A explicação se dá pela sua natureza: gerada nos países ricos, no coração dos sistemas financeiro e imobiliário. É também por essa razão que o Nordeste sofre menos: a classe C cresce muito rápido, mas ainda é pouco representativa se comparada ao Sudeste. 'Há muita renda de programas sociais. A classe A/B, do mercado financeiro, dos exportadores, tem menor participação', diz.

### Transferência de renda

Para manter a geração de empregos e redução da desigualdade social que vinha desde 2004 e retomar o crescimento, Neri sugere medidas que estimulem o consumo no mercado interno, focando principalmente nas classes D e E. Mais uma vez o economista recorrer à metáfora: 'colocar o Tostão para jogar junto com o Pelé' — mais transferência de renda transitória, como o abono salarial. Apesar de considerar políticas muito localizadas (automóveis, construção civil e linha branca), ele elogia a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

Para ele, é preciso tirar programas como o PAC do papel. 'O problema não é a população acreditar que a crise é uma 'marolinha'. Problema é o governo acreditar e não operacionalizar o estímulo ao consumo'. Ele lembra que no primeiro trimestre o Brasil teve redução de 1,8% em seu PIB anualizado. 'Não é a queda de 14,2% do Japão, mas também não é a alta de 6% da China. Nosso poço não é tão fundo, mas não precisamos chegar lá'.

